

RESENHAS

TEOLOGIA

ALISON, James, **Le péché originel à la lumière de la Résurrection. «Bienheureuse faute d'Adam...»**, coll. «Théologiques», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2009, 382 p., 235 x 145, ISBN 978-2-204-09108-4.

James Alison, sacerdote católico e teólogo inglês actualmente a residir em Belo Horizonte, no Brasil, é conhecido por desenvolver uma teologia na base da aplicação da teoria mimética de René Girard. Desta vez, trata-se dum ensaio de interpretação do mistério do pecado original servindo-se daquela chave de leitura.

O autor divide o seu estudo em três partes. Uma primeira intitula-a «Construção de uma antropologia teológica». Nela procura, em primeiro lugar, explicar e justificar a teoria mimética de René Girard. Num segundo capítulo, esboça, na base daquela, uma antropologia teológica. Finalmente, esforça-se por, à mesma luz, desenvolver uma soteriologia em consonância. A segunda parte – «A extensão da amplitude do perdão» – incide mais expressamente sobre a compreensão do pecado original a partir do mistério da Ressurreição. Conjuga aí uma multiplicidade de dados bíblicos e teológicos com a teoria girardiana, numa sucessão de capítulos em que versa sobre: a Ressurreição e o pecado

original; a inteligência da vítima e a distorção do desejo; o pecado original conhecido na sua superação eclesial; a Trindade, a Criação e o pecado original; Esperança e concupiscência; Reimaginar o símbolo do pecado original. Finalmente, numa terceira parte – «É exactamente isso o que a Igreja crê?» –, procura fazer o confronto e mostrar a harmonia do pensamento expresso neste ensaio com a doutrina tradicional de Igreja sobre o pecado original.

Em diferença de outros – como é o caso recente de Jean-Michel Maldamé em *Le péché originel. Foi chrétienne, mythe et métaphysique*, editado na mesma colecção das Éditions du Cerf em 2008 (vd. *Theologica* 43 (2008) 241-244) – é, de facto, sua preocupação permanecer absolutamente fiel ao magistério e à teologia tradicionais da Igreja sobre o assunto sem, todavia, deixar, como confessa, de revestir aquele mistério de «uma completa frescura». Assume o carácter histórico do pecado original e tem mesmo em conta a hipótese evolucionista da emergência da espécie humana a partir de espécies inferiores. No entanto, faz a sua leitura ao invés do curso da história: procura a sua compreensão, não a partir da narração bíblica como relato das origens, mas a partir e à luz do mistério da Ressurreição. «Foi por ela, e somente por ela, que se tornou possível olhar para trás na direcção das origens da humanidade e fazer uma narrativa que implica um pecado original» (p. 22). No fundo, o pecado original não pode ser entendido na base de uma atitude de acusação de uma

culpa que atingiu todos os humanos e de que Adão e Eva seriam os alvos – o «bode expiatório» –, mas na base do perdão que atinge todos os seres humanos, incluindo os primeiros pais.

Metodologicamente, entretanto, Alison, assim como não começa pela narrativa do Génesis, também não começa pela da Ressurreição. Seria demasiado fácil, a partir da obra de graça que esta representa, fixar a impressão da nossa inocência e da nossa segurança no interior de uma obra de Redenção, que nos enriqueceu com um sentido para Deus, para a Igreja, para os sacramentos, enfim, para o bem e para o mal. Dito de outro modo, intencionalmente não começa por procurar compreender em que consiste o pecado original, mas antes por procurar tomar consciência do que nele está implicado. É isso que o conduz à via da compreensão do desejo, enquanto desejo mimético, tal como Girard o tem tentado compreender e expor. É nessa base que a sua compreensão do pecado original implica um conjunto de categorias girardianas, tais como as de «vítima», «mimese vitimária», «sacrifício», «bode expiatório», etc. Como é sabido, Girard – e, com ele, Alison – considera o sacrifício de Cristo, em diferença dos de outras religiões, mormente das religiões arcaicas, como o único que não acarreta consigo a violência do sagrado, porque Cristo, sendo inocente, se ofereceu voluntariamente pelo pecados dos homens, não sendo propriamente vitimado pelos «culpados».

O «desejo mimético» consiste, segundo Girard, no facto de que cada indivíduo humano, em face de um desejo que vê emergir em outrem, desenvolve em si próprio um desejo semelhante. E isso afecta todos os humanos. O pecado original compreende-se (ou pode compreender-se) na base desta dinâmica. Alison desenvolve a sua tese através de uma análise muito

minuciosa, servindo-se de recursos filosóficos, antropológicos, bíblicos e teológicos. Num capítulo final, em modo de epílogo, faz o cotejo da sua análise com variados pronunciamentos do magistério da Igreja e com as doutrinas de Agostinho e de Tomás de Aquino como guias privilegiados. Se em Agostinho encontra algumas dificuldades, acaba todavia por ter particularmente em conta o seu «*Oh Félix culpa quae talem et tantum meruit habere Redemptorem*» (a que alude no título) e por detectar a dinâmica do desejo mimético nas suas considerações sobre a cidade terrena e a cidade celeste, em *De ciuitate Dei* XIV, 28. Se «dois amores fizeram duas cidades: o amor de si até ao desprezo de Deus, a cidade terrena; o amor de Deus até ao desprezo de si, a cidade celeste»... trata-se, no fundo, de duas formas rivais de desejo mimético (cf. pp. 354-355). Mais fácil, para ilustração da sua tese, parece ser o que S. Tomás expõe na ST II-II, 163, 2, resp. À questão de se o pecado do primeiro homem consistiu em este desejar ser como Deus, responde o Aquinense que não, porque o desejo de ser como Deus é conatural ao ser humano (mimese passiva); mas esse pecado consistiu efectivamente no desejo de ser como Deus, com a diferença de que esse foi um desejo de imitar o diabo (mimese rival), querendo o ser humano ser igual a Deus no arrogar para si o ser ele próprio, com desprezo da lei divina, a estabelecer a norma do bem e do mal (cf. pp. 362-363).

Enfim, estamos perante mais um ensaio de compreensão de um grande mistério, sobre o qual muito se tem pensado e escrito e que, exactamente por ser um mistério, jamais será trazido à luz de uma plena compreensão humana. Saída-se por ser mais um contributo, com as marcas da seriedade do tratamento, da análise minuciosa dos dados bíblicos, teológicos e do magistério eclesial e, sobretudo, por trazer

a novidade da aplicação da teoria girardiana. O próprio René Girard que o prefacia, ao mesmo tempo que louva a aplicação da teoria por ele próprio desenvolvida, não hesita em o qualificar como «um grande livro» (p. 10). Como quer que seja, para os teólogos e as teólogas deste tempo, no mínimo ele oferece mais uma perspectiva de abordagem, a ter em conta na sua própria compreensão e no seu ensino.

JORGE COUTINHO

DUNG, François-Xavier Nguyen Tien, **La foi au Dieu des chrétiens, gage d'un authentique humanisme. Henri de Lubac face à l'humanisme athée**, coll. «Théologie à l'Université», Institut Catholique de Paris / Desclée de Brouwer, Paris, 2010, 513 p., 235 x 150, ISBN 978-2-220-06173-3.

Estamos perante uma tese de doutoramento em Teologia apresentada pelo autor ao Instituto Católico de Paris e à Universidade Católica de Lovaina. François Xavier N. T. Dung é vietnamita e tem diante dos olhos especialmente a realidade do seu país, onde, embora o ateísmo apresente aspectos diferentes em relação ao do espaço ocidental da cultura, o cristianismo é alvo de acusação e mesmo de perseguição. Ali como no Ocidente ao tempo de Henri de Lubac, a religião cristã aparece como obstáculo à realização do ser humano. Daí que a interrogação fundamental que está no ponto de partida deste estudo seja formulada pelo autor nos seguintes termos: verdadeiramente, «será o cristianismo um obstáculo à realização do homem?»; Dito de outro modo: Porque é que o cristianismo, que originariamente foi uma força de libertação, se tornou no decurso da história um adversário dessa libertação?

Marcel Neusch, no Prefácio, nota com pertinência que a religião precede o ateísmo e que este não se compreende senão como reacção contra aquela. Exactamente em nome do homem. Por isso é pertinente e mesmo lógico que, antes de olharmos para o ateísmo em si mesmo, olhemos para a religião contra a qual este assumiu o seu combate. O autor desta tese procura, por isso, com razão e com H. de Lubac, encontrar razões históricas que provocaram aquela reacção, conduzindo, concretamente, a uma ideia do cristianismo como anti-humano. O ateísmo afirma-se em nome do homem, contra a religião que tendia a aniquilar o mesmo homem *in nomine Dei*; denuncia a desvirtuação do homem como *imago Dei* e considera o Deus que lhe era subjacente um Deus (apenas) *imago hominis*. Feuerbach, Marx, Nietzsche e Comte são, justamente, referidos como emblemáticos nesta viragem de uma religião anti-humanista para um ateísmo como humanismo: o humanismo ateu.

Mas o humanismo ateu revela-se, ele próprio, como bem notou H. de Lubac, um anti-humanismo. Conduz à autodestruição do homem e à negação do direito como ordem da justiça. Daí o seu carácter dramático: proclamado em nome do homem, volta-se contra o homem. Foi o que o teólogo jesuíta procurou mostrar no seu conhecido livro *Le drame de l'humanisme athée* (1944). O autor da tese faz a história deste livro e analisa a essência do seu conteúdo, as suas fontes bíblicas, teológicas e filosóficas e o seu estilo. Refere também algumas críticas vindas do interior do catolicismo, incluindo de alguns jesuítas. Realça então a descoberta lubaciana de que, embora tendo tido um êxito notável e sucessivas edições, em certa medida, o livro estava fora do novo espírito do tempo. Era (ainda) demasiado em modo de combate ou, no mínimo, de protesto e